

Não repararam nunca? Pela aldeia, nos fios telegráficos da estrada, cantam as aves, desde que o sol nada, e, à noite, se faz sol a lua cheia.

No entanto, pelo arame que as tenteia, quanta tortura vai, numa ânsia alada! O Ministro que joga uma cartada, alma que, às vezes, d'Além-Mar anseia:

– Revolução! – Inútil. – Cem feridos, setenta mortos. – Beijo-te! – Perdidos! – Enfim, feliz!-?! – Desesperado. – Vem.

E as boas aves, bem se importam elas! Continuam cantando, tagarelas: Assim, Antônio! Deves ser.

Antônio Nobre, Soneto.

Um ser na placidez da luz habita, entre os mistérios inefáveis mora. Sente florir nas lágrimas que chora a alma serena, celestial, bendita.

Um ser pertence à música infinita das esferas, pertence à luz sonora das estrelas do azul e hora por hora na natureza virginal palpita.

Um ser desdenha das fatais poeiras, dos miseráveis europeus mundanos e de todas as frívolas cegueiras...

Ele passa, atravessa entre os humanos, como a vida das vívidas forasteiras, fecundada nos próprios desenganos.

Cruz e Sousa, Um ser.

Também as catedrais são sinfonias: rege a massa coral da arquitetura a divinização da partitura; e ambas se irmanam por analogias!

O alegre, o adágio, o andante, a tessitura, o arco, o fuste, o florão... Alegorias que, pela execução das harmonias, timbram exatas, no esplendor da altura!

E, pelos olhos, as orquestras se ouvem. E, pelo olvido, a torre se levanta, para que os sonhos da matéria louvem!

E, na sua amplitude sacrossanta, a alma de um Brunelleschi ou de um Beethoven, fulge na pedra, quando a pedra canta!

Martins Fontes, O espírito da matéria.

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XVII, Nº 02 – 2013 FEVEREIRO
Assinatura até 31.12.13: 10 selos postais de 1º Porte Nacional Não-comercial (R\$ 0,80) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

☀ www.haiku.sf.nom.br ☀

Vehículos. – El viento es más ligero que el pájaro. El sonido es más ligero que el viento. La electricidad es más veloz que el sonido. La luz es más rápida que la electricidad y el Amor es todavía más rápido que la luz, porque es un rayo del Más Allá!

Que vuestro amor tenga lá pureza y la veracidad de la luz. El falso amor es un sacrilegio que conduce al crimen: Dime cómo amas y te diré quién eres!

Julio Herrera y Reissig, Poesía Completa y Prosas: Átomos de Luz, Scipione Cultural, 1998. – Gentileza de Raynal A. Costa

Meus passos à beira-mar vão construindo caminhos sob o clarão do luar entre beijos e carinhos. Antº Cabral Filho, 1212 Lit&Arte R. Aurora A. Ferreira 171, Ap 702 29090-310 – Vitória, ES

Como é bom, meu Deus, sonhar! E como é bom refletir e como é bom ajudar e como é bom discernir. Humberto Oriá, 1211 Binóculo ivonildodias@secrel.com.br jbatista@unifor.br

Conselhos bons, de verdade por mais que já estejam velhos, recolho com humildade nas folhas dos evangelhos. Macedo, 1102 O Patusco Caixa Postal 95 61600-970 – Caucaia/CE

De viagem, vem o vento e beija a flor quando passa... É um amor só de momento como tantos que há na praça... Marina Bruna, 1102, Fanal R. Álvares Machado 22, 1º 01501-030 – São Paulo/SP

Fecha teus olhos e escuta: – É música... É melodia... Sendo de Deus a batuta até o silêncio é harmonia. Nide F. Beccaccia, 1212 A Voz da Poesia: Rua dos Bogaris 183 04047-020 – São Paulo/SP

Da natura, o golpe rudo, pelo gadanho, da enchente, d'aquele, que perdeu tudo, ninguém mede, a dor pungente... Pedro Grilo, 1102 Trinos do Pitiguari: Rua Guanabara 542 59014-180 – Natal/RN

Seus péssimo humor é tal, e é tal seu jeito ranzinha, que curte, do carnaval, somente a quarta de cinza... Antônio Augusto de Assis

Foi não foi se descasava para um novo compromisso, e no humor vaticinava: "eu ainda morro disso"! Deusdedit Rocha

Parece humor, ou piada, mas é vero o conteúdo, pobre diz que não tem nada, mas, se chove, perde tudo... Fabiano de Cristo M. Wanderley

Bom humor em injeção comprimidos, ou xarope, é a melhor prescrição para tristeza a galope! Nemésio Prata Crisóstomo

Maranguape boa terra de Chico, de Capistrano. Maranguape ao pé da serra bem pertinho do oceano. Raimundo Rodrigues de Araújo

Um mestre da natação gosta de contar piada... Em seu humor campeão, ele ri, e o povo... nada! Renata Paccola

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.
2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 28.02.13, enviar até 3 haicus de quigos: Crista-de-galo, Dia dos Animais, Jandaia.
Até o dia 30.03.13, enviar até 3 haicus de quigos: Azaléia, Pitanga, Quermesse.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82
05010-040 - São Paulo, SP

ou mfmendez@superig.com.br



QUIDAI S DE VERÃO – TEMAS DE VERÃO

No meio da noite os estrondos se repetem raios e mais raios. Erivelton Pinto dos Santos

Cheiro bom demais no quintal do meu avô pêssegos maduros. Elza Valenga

Céu bem escuro o barulho dos trovões já dá um medinho. Gabriel Gnatkowski

A chuva para meu cãozinho reclama quer passear. Gabriel Menon

Sol de verão os passarinhos se escondem por entre o verde. João Gabriel Vieira Leandro

Que surpresa o arco-íris no céu mesmo sem chuva. Kamila Cristina Martins de Oliveira

Alto do céu o passeio das nuvens no sol da manhã. Lais Stefany Kloster

Grémio de Haicai Chão dos Pinheiros, 1ª Antologia de Haicai, Irati/PR, 2010: dmiskalo@hotmail.com – Gentileza de Marilena Budel



HAICUS BRASILEI ROS EM FOLHA

A chuva cessou. E a garotada, entre os galhos, feliz, chupa manga. E Amália Marie Gerda

Contagem de votos. Último quesito: dez empate no Samba. E Angela Guerra

Fruteira na mesa. O forte aroma da manga se espalha na copa. O Angelica Villela Santos

Para sobremesa, manga espada madurinha. Bigode amarelo. A Djalda Winter Santos

Turistas se empolgam assistindo a pororoca. Barqueiros os levam. O Flávio Ferreira da Silva

Chuva forte, corredeira rio abaixo. Pororoca. O Iracema Gomes

Encontram-se as águas, repercute o belo som da pororoca. O Maria App. Picanço Goulart

Grande expectativa! Acabou o Carnaval... Contagem de votos! O Amália Marie Gerda

Encontro das águas: pororoca – espuma branca, na nuvem que sobe. E Angela Guerra

Sob a mangueira, menino chupa mangas. Rosto lambuzado. C Denise Cataldi

Escolas de Samba – carnavalescos atentos; contagem de votos. E Djalda Winter Santos

Fruticultor na lida com a colheita. Manga-rosa. O Flávio Ferreira da Silva

Caminham, e o trecho exala odores. Mangueiral. O Manoel F. Menendez

Família reunida em frente à televisão. Contagem de votos. K Renata Paccola

Surge a pororoca! Num choque de águas revoltas, ouve-se um estrondo. O Amália Marie Gerda

Na foz do Amazonas, o rio se junta ao mar. Pororoca estronda. E Angelica Villela Santos

Chuva e calor. Na contagem dos votos, foliões tensos. E Denise Cataldi

Parece um trovão, vem chegando a pororoca muitos tiram fotos. O Djalda Winter Santos

Passistas, abre-alas e a bateria em silêncio. Contagem de votos. C Iracema Gomes

Escolas de Samba. Conferem e contam, mais um voto lido. O Manoel F. Menendez

No cesto de frutas, se formam bolinhas pretas, nas mangas maduras. K Renata Paccola

Fatias de manga: amarelo-ouro no prato. Perfume no ar. A Angela Guerra

Contagem de votos. Vibra a Escola vencedora. Palmas. Discussões. K Angelica Villela Santos

Pororoca, águas em ebulição sobem pelo rio. O Denise Cataldi

Na apuração, sururu comeu solto. Contagem de votos. K Flávio Ferreira da Silva

Doce, amarelada, garotada chupando. Mangas na estrada. O Iracema Gomes

Foz do Amazonas, a maré invade o rio. Estrondo e avanço. O Manoel F. Menendez

Contagem de votos causa briga no sambódromo. Polícia intervém. O Renata Paccola

A F A R S A D O M E S T R E P A T E L I N

Adaptação de Pahelin ou Patelin (*A farsa de Mestre Pierre*), farsa de autor desconhecido, escrita por volta de 1464. 16 edições antes de 1550. Intriga baseada exclusivamente na psicologia dos personagens e aborda, duas vezes, o tema do enganador-enganado: um rábula que extorque uma peça de fazenda do vendedor Guillaume e, por sua vez, é enganado por um modesto pastor. Apresentada por volta de 1970 na Paróquia de São Cristóvão, São Paulo, SP.

Nossa homenagem e em memória de Mário Benvenuti (juiz), Rogê (Roger) e Marcos (Guilherme); e, mais Flávio (Patelin), Manoel (Silvestre), Celso (Tomas) e Roberto (Diretor).

CENA I 5m até medir a peça + 9m até o final.

PA (Patelin) SIL (Silvestre) GUI (Guilherme)

PA Sou eu que lhe digo, Silvestre. Eu, Pedro Patelin, advogado, farei a sua fortuna e a minha. E que eu morra se, em menos de um quarto de hora, não conseguir para nós dois, uma roupa decente. O mais importante é o traje. Ainda que se diga o contrário, é o hábito que faz

o monge. Que cor voce prefere: cinzento, azul, verde ou marrom? De que fazenda? De Bruxelas? Da Inglaterra ou de Ruão? Diga. É só escolher, meu amigo. SIL Não temos nem um tostão furado. Quem é que vai pagar tudo isso? PA Meu genio! Desaparece, eis o meu pateta! (Silvestre volta para casa; cortina, loja do sr. Guilherme, Patelin vai até a loja, entra o

Sr. Guilherme) Ah! Por Deus, sr. Guilherme, quanto prazer em vê-lo! GUI Às suas ordens... PA Pensava agora mesmo no senhor. Como vai a saúde? GUI Bem. PA Os negócios? GUI Dífceis. PA (pausa; começa a burla) Ah, que homem!

Que homem era aquele! GUI (surpreendido) Quem? PA O falecido Sr. seu pai! Não posso ver o Sr. sem pensar nele! GUI (que não compreende nada) Sim? PA Excelente criatura! Que Deus tenha sua alma! GUI (continua sem entender) Amém. E a minha quando Ele quiser.

PA O Sr. nos enterrará a todos, Sr. Guilherme.
 GUI Queira sentar-se. (passa-lhe um tamborete)
 PA Agradecido. (pequena pausa; Guilherme arruma sua mercadoria) Ah, era um homem e tanto. E não somente nas coisas de seu comércio, mais ainda nas ciências, nas artes, na política. Quantas vezes ele não me profetizou tudo o que acontece hoje em dia! (bruscamente afetando surpresa) – Oh!

GUI Que houve?
 PA (da mesma maneira) Oh!
 GUI Que é que o Sr. tem?
 PA Pensei vê-lo em carne e osso. Sim, o falecido sr. seu pai. Ah, como o Sr. é parecido! O nariz, a boca, os olhos, é ele, é seu pai encarnado.

GUI Obrigado.
 PA (sempre fingindo) A propósito: e a Sra. sua tia? sempre forte? Por Deus, como ela foi alta, bonita e graciosa, em seu tempo de moça! Fez muita gente virar a cabeça.

GUI É o que dizem.
 PA O Sr. também tem alguma coisa dela. Sim, sim, eu lhe afirmo. Sorria um pouco. (Guilherme, encantado, o faz) Oh, que belos dentes, que belos dentes o Sr. tem!

GUI (suspirando) Tive que arrancar um recentemente.
 PA (afetando compaixão) Sim?
 GUI (outro suspiro) Em cima, à direita.
 PA Nem se percebe!
 GUI (mais um suspiro) Ora! (mete o dedo no nariz)

PA Nem um pouco, eu lhe asseguro. (pausa; – num grito que faz sobressaltar Guilherme) Ah!
 GUI O que?
 PA Esse gesto! (o faz) Esse gesto que o Sr. acaba de fazer, na narina esquerda. O falecido Sr. seu pai fazia igualzinho. Na mesma narina, com o mesmo dedo! É admirável!

GUI Meu pai metia assim o dedo no nariz?
 PA Exatamente, a excelente criatura! (chegou o momento, a trapaça vai começar) Que belo tecido o Sr. tem aí, Sr. Guilherme! É generoso. Sempre pronto a ajudar o próximo. Parabéns! Empréstando do seu esmoler, caridoso. Bela fazenda, é de ótimo tecido; ao mesmo tempo fino e quente. E de uma maciez....

GUI (cai no logro) O Sr. é entendido.
 PA Um pouco.
 GUI Pura lâ.
 PA Vê-se logo.
 GUI Lã dos meus próprios carneiros.
 PA O Sr. possui carneiros, Sr. Guilherme?
 GUI Alguns, eles me dão...
 PA Uma lâ admirável.
 GUI (sincero) E muitos aborrecimentos. Imagine que o meu pastor...

PA Ah! O Sr. é um homem de vistas largas, Sr. Guilherme!
 GUI (lisongeador e com falsa modéstia) Oh!
 PA Trabalhador.
 GUI Quem quer viver tem que se esforçar.
 PA (que chegou aonde queria) Oh! Não tinha visto esta peça aqui (toma-a) Oh! Sr. Guilherme, ponha-a longe dos meus olhos, se tem pena da minha bolsa. Tire-a daqui, ou vou cometer uma loucura. Estou apaixonado por essa fazenda.

GUI (lisonjeado) O Sr. tem bom gosto.
 PA Ai! O dinheiro que eu tinha economizado quer sair. Vai passar para a sua bolsa, Sr. Guilherme.

GUI (prudente e pensando que ele continua lisonjeado) Infelizmente as fazendas subiram tanto de preço. Sobretudo as de Bruxelas.
 PA Preciso de seis varas. Quanto é a vara?
 GUI (sempre prudente) Para o Sr., preço de amigo: quarenta e oito escudos.
 PA A vara?
 GUI É o preço de custo.
 PA Dê um jeito, Sr. Guilherme...
 GUI Impossível.
 PA Quarenta escudos.
 GUI Quarenta e cinco, é o quanto sai para mim.
 PA Quarenta e dois.
 GUI Quarenta e três.
 PA Negócio fechado. (apertam-se as mãos)
 GUI (começa a medir) Um, dois, três, quatro, cinco, seis... (na verdade não há senão

cinco varas e meia) A peça inteira...
 PA Isso faz... 5m
 GUI Seis vezes quarenta e três, duzentos e sessenta escudos.
 PA Muito bem, (apanha a peça) O Sr. terá a bondade, Sr. Guilherme, de ir apanhar essa quantidade em casa. Hoje mesmo, por favor.
 GUI Humm...
 PA E então!
 GUI É que não gosto de deixar a loja.
 PA Uma vez não é sempre, Sr. Guilherme.
 GUI É melhor.
 PA Ah! Sr. Guilherme, o Sr. não vai agora recusar-me a ocasião de tomar um bom gole em minha casa.
 GUI Seja. E ao mesmo tempo levo a mercadoria para o senhor.
 PA Não é preciso. Eu mesmo posso levá-la muito bem.
 GUI Desculpe. Eu prefiro.
 PA Não permitirei que o senhor tenha esse trabalho.
 GUI Desculpe. É mais conveniente que eu mesmo leve.
 PA Não consentirei.
 GUI É o costume.
 PA Mas entre nós não deve haver cerimônias, Sr. Guilherme.
 GUI É pesado, difícil de carregar.
 PA Que nada! Veja como a ponho assim em baixo do braço. (põe e vai saindo)
 GUI Mas, ...
 PA (finge-se com a dignidade ofendida) Mas, ... pensando bem... receava o Sr. Guilherme que eu levasse a fazenda sem lhe pagar?
 GUI Humm...
 PA Tomar-me-ia o Sr. por um velhaco? Seja franco, o Sr. teve esse pensamento. Ah! Como é horrível, fazer isso, a mim! a mim, que o falecido Sr. seu pai – a boa e excelente criatura – honrava com sua amizade. Está bem. Guarde o seu tecido, Sr. Guilherme... (devolve-lhe a peça de fazenda) – não... não... não quero ouvir nada. Retiro-me de coração despedaçado por uma desconfiança tão injuriosa.
 GUI São coisas da profissão.
 PA Os tempos de agora! Antigamente...
 GUI Mestre Patelin.
 PA Nada! Adeus, Sr. Guilherme.
 GUI Eu lhe peço...
 PA Não.
 GUI Eu lhe exijo...
 PA Devo ceder?
 GUI Sim. (repõe-lhe a peça sob a axila)
 PA Que seja! Mas saiba que é por respeito a memória... oh... como o Sr. se parece com ele!... Do falecido Sr. seu pai.
 GUI Sem rancor?
 PA Procurarei esquecer a ofensa...
 GUI Até breve....
 PA Até breve...
 GUI Em sua casa, apresento-lhe as minhas desculpas indo buscar o meu dinheiro...
 PA O dinheiro? oh, mas não assim logo em seguida...
 GUI Hem!
 PA Depois do almoço, porque pretendo reter-lhe para o jantar, Sr. Guilherme.
 GUI Não posso aceitar.
 PA Um pato. Comeremos um pato que me presenteou um cliente reconhecido. E como beberemos!
 GUI Estarei logo em sua casa. (Patelin sai com a peça sob o braço) Oh! O tolo, forte tolo! esse aí se diz entendido e paga 43 escudos pela vara de uma fazenda que não vale nem 20, e esse tipo ainda por cima, o convida para o jantar! É cômico meu amigo Guilherme! seu dia está ganho. Pode fechar a loja. (o faz; põe-se a caminho, a cortina esconde a loja). Digam o que quiserem, mas o comércio proporciona as alegrias que a gente vulgar nem imagina. Há vitórias imprevisíveis, que dão felicidade para um ano inteiro. 43 escudos a vara! (ri) Uma peça que eu pensava não desencilhar nunca! Não digo que seja um bagulho. Os de minha família nunca venderam bagulhos, mas é o que se chama um saldo. Por que se chama saldo a mercadoria depreciada? É um costume cuja origem não se conhece mais. Desses que se perdem no tempo.

Saldo... saldo. (canta e vai em direção à casa de Patelin) Estou com um apetite devorador. 9m

CENA II
SIL (Silvestre) **GUI** (Guilherme) **PA** (Patelin)

GUI (em frente à porta) Ah! Chegamos à casa do nosso homem. Vamos tocar. (toca a campainha, silêncio; toma a tocar, silêncio) Olá! (toca outra vez, silêncio) Mestre Patelin. (toca) Mestre Patelin, sou eu. (toca) Sou eu, seu amigo Guilherme! (toca; abre-se a porta; aparece Silvestre).
 SIL (cochichando) Chii!
 GUI O que?
 SIL Pelo amor de Deus, Sr., não toque.
 GUI Mestre Pedro Patelin?
 SIL Fale baixo.
 GUI Não mora aqui?
 SIL Sou seu empregado Sr., para servi-lo.
 GUI Bom dia, meu amigo. Venho...
 SIL Fale baixo.
 GUI ...pela fazenda.
 SIL Ah!
 GUI O que?
 SIL Ah! senhor, que importam agora as fazendas? (chora)
 GUI Que foi?
 SIL Perdão: o pesar, a dor, o desespero...
 GUI De quê?
 SIL Pobre homem!
 GUI Quem?
 SIL Meu patrão...
 GUI Patelin?
 SIL Mestre Pedro Patelin...
 GUI E então?
 SIL É o fim.
 GUI O fim?
 SIL Colhido na flor da idade!
 GUI Patelin?
 SIL Que lástima.
 GUI Que é que você acaba de dizer? Ele saiu da minha loja...
 SIL Mais baixo.
 GUI ...e me comprou seis varas de pano.
 SIL Adormeceu. Não acorde.
 GUI Venho cobrar o meu dinheiro. Ele me convidou para almoçar.
 SIL Mais baixo.
 GUI São duzentos e sessenta escudos que ele me deve.
 SIL Pelo amor de Deus, fale mais baixo.
 GUI Se quer que fale baixo, que me pague agora mesmo as seis varas de pano que Mestre Pedro me comprou hoje.
 SIL Ele? Ele está de cama há seis semanas. De roupa nova só vestirá a mortalha.
 GUI Peça-lhe que venha aqui.
 SIL Só sairá daqui, coitado, com os pés juntos!
 GUI Mas enfim, eu ouvi, eu lhe falei...
 SIL (gritando) Fale mais baixo.
 GUI É você que está gritando... (a voz de Patelin de dentro)
 SIL Pronto, o senhor o acordou.
 PA (de dentro) Eu morro. Socorro! Dê-me o urinol, Silvestre, quero aliviar-me...
 SIL Já vou, senhor, já vou.
 PA Patatipatata... patati... talarilarila... tim, tam...
 GUI Ele está delirando?
 SIL Há três dias.
 PA Com quem você está falando, Silvestre?
 GUI Sou eu, o senhor Guilherme.
 PA O boticário? Mande entrar... mande entrar logo...
 SIL Se quer abraçá-lo antes de morrer, entre, senhor, mas não se demore.
 PA Quem está aí?
 GUI Guilherme.
 PA (fingindo loucura) O senhor veio para o cristal?
 GUI Não sou o boticário, Patelin, sou Guilherme seu amigo, comerciante de tecidos.
 PA Af. Senhor boticário, só fiz duas bolinhas mais duras e mais negras que dois caroços de cerejas.
 GUI Venho buscar... meu dinheiro...
 PA Silvestre, faça-o ver minha urina, mande examinar e cheirar.
 GUI Isso é que não.

PA Que ele prove, como todo médico honesto deve fazer.
 SIL Por piedade, por um moribundo prove-a senhor... (estende-lhe o urinol)
 PA Que acha dela?
 GUI Acho que quero o meu dinheiro, ou a minha fazenda.
 PA Senhor boticário...
 GUI Ainda!
 SIL Não o contrarie senhor, prove...
 GUI Não há um pato no forno?
 SIL Que pergunta! Pode lá se dar um pato a um moribundo?
 GUI Mas ainda há pouco, Patelin tinha me convidado...
 PA Tatará... tarará... onde está, onde está, meu chá?
 GUI Ele levou a peça em baixo do braço.
 PA Quero o meu violão (toma-o e começa a cantar em pé na cama) Que ofício dar a ela de maré, maré, maré...
 GUI Meu dinheiro.
 SIL Entre dois homens delirando, pobre Silvestre, que fará você?
 GUI Os duzentos e sessenta escudos que ele me deve...
 PA Que ofício dar a ele de maré, maré, maré...
 SIL Loucos varridos...
 PA (fora da cama) Hay un perro del infierno junto a mí! Enjota ese hombre, enjota ese hombre. Así...
 GUI Que é que ele está dizendo?
 SIL A mãe dele era espanhola. Ele está falando espanhol.
 PA Par Deus e par Berzabu, lebe-o su, lebe-o su! Que estáveis a fazere ai sinhore, ai sinhore!
 SIL O pai dele era galego...
 PA (carregando Guilherme) Cafafem, quiquifem, tuf, tuf, tomatem, chucrutem, cof, cof. Yaya, e a vaca holandesa.
 SIL Calma, meu patrão...
 GUI Palavra que me faz medo!
 SIL Seu professor era holandês, essas coisas voltam no delírio. Pode ficar perigoso. Veja: a crise se acentua. 13m
 PA (batendo nas nádegas) Que tenho aqui? É uma abelha, um caracol, ou um elefante?
 GUI Não há dúvidas, ele tresvaria.
 PA (voltando ao leito) Ia, tse, tse, cachinquelê, tangolomango, tangolomango...
 SIL A tia dele esteve na África.
 GUI Vá chamar o médico.
 SIL É o padre, senhor, que eu devo chamar. Ele vai morrer.
 GUI Creio que farei melhor...
 SIL Veja, veja como ele espuma!
 GUI ...em me retirar.
 SIL (empurra-o em direção à saída) O senhor ficou até demais.
 PA (deitado, agonizante) Et bona dies citi vobis, Magister amantíssimo... Pater reverentíssimo...
 SIL Agora está lembrando todo o seu latim.
 PA (agoniza) Quidi Pteatile Mercator Dicat tibi truffator. Ille quilecto jucet...
 GUI Voltarei amanhã... para saber notícias dele. Perdão, meu amigo, eu tinha certeza que a minha fazenda estava com ele...
 SIL Às vezes a gente tem cada ideia...
 GUI Na certa foi o diabo, que, tomando a sua forma, veio roubar minha peça...
 SIL Satã? isso acontece...
 PA Berzabu, Berzabu, cozido ou cru, cozido ou cru.
 GUI O diabo com certeza.
 SIL Ah senhor, entregou a alma. Veja, não se mexe mais!
 GUI Meu Deus, meu Deus, meu Deus, meu Deus... (luz, música e Guilherme sai)

CENA III **GUI** (Guilherme) **TO** (Tomas) **SIL** (Silvestre) **PA** (Patelin)

GUI (saindo de casa) É evidente que Deus me mandou o diabo para castigo de meus pecados. Vou já. Já confessar os meus excessos de comércio. Ah! O demônio do lucro assalta muitas vezes os comerciantes! Ave Maria, cheia de graça, vou aproveitar a lição. (saída falsa; música, entra Tomás Cordeirinho; CONCLUI